

# CADERNO DE CRÍTICA

*Fernanda Torres em Inocência. Filme de Walter Lima Junior baseado no romance do Visconde de Taunay.*



Ana Lontra Jobim

Inocência  Parahyba Mulher Macho  O Bom Burguês  O Mágico e o Delegado  
 O Rei da Vela  Nasce uma Mulher  A Próxima Vítima  Câncer  Noites Paraguaianas  
 Mato Eles?  Verão  Diversões Solitárias  A Alma Segundo Salustre

# Madame Butterfly

DAVID E. NEVES

*Inocência* - Direção: Walter Lima Junior. Argumento: Visconde de Taunay. Roteiro: Lima Barreto e Walter Lima Junior. Fotografia e Câmera: Pedro Farkas. Diretor de Produção: Fernando Silva. Cenografia: Carlos Arthur Liuzzi. Figurinos: Diana Eichbauer. Montagem: Raimundo Higino. Música: Wagner Tiso. Som: Jorge Saldanha. Elenco: Edson Celulari, Fernanda Torres, Sebastião Vasconcelos, Ricardo Zambelli, Fernando Torres, Rainer Rudolph, Francisca Xavier. Produção: L.C. Barreto. Distribuição: Embrafilme. Duração: 1h58. 1982.

[ 1 ]

Não é vantagem nenhuma falar bem de filme bom. O exercício da crítica, a meu ver, confunde-se, às vezes, com o da criação pura e simples. É como se fosse uma re-criação sobre bases concretas.

Arte extraordinária é o cinema, que permite observações curiosas, leituras múltiplas, além, é claro, dos cálculos gerais, das interpretações abrangentes, etc. Dizer que um filme é curioso pode significar um elogio, mas também pode classificá-lo como incompleto, tanto no campo das expectativas como no terreno do absoluto. Trata-se, entretanto, de um inegável elogio denunciar a curiosidade de Walter Lima Jr. pelo cinema. E sua obra cinematográfica está aí para provar isso.

Uma argumentação oposta talvez seja mais nítida: afirmar que um diretor "não tem nenhuma curiosidade pelo veículo que utiliza" (desempenho burocrático ou auto-suficiente) é a mais contundente das críticas.

[ 2 ]

*Revista de Domingo (JB)*: "As crianças cresceram entendendo que tínhamos uma vida movimentada. Nunca fui de levar filhos nos bastidores. Também nunca me perguntei se não estar disponível o tempo todo trouxe neuroses para eles, mas acredito que não." São declarações de Fernanda Montenegro, a mãe de *Inocência*, na vida real. No filme, seu pai, Martinho Pereira (Sebastião Vasconcelos) mal a deixa sair de casa, mesmo que seja para espiaçar nas redondezas e acompanhada de perto por Tico (Jorge Fino). Essa elaborada insistência

na relação vida real-fantasia explica, de certa forma, este artigo que não chega a ser propriamente uma crítica, mas uma aferição.

Há já algum tempo venho perseguindo essa forma de abordagem de um filme e acho que isso deve vir de algum processo pessoal de apreciação intrometida cuja origem deve remontar à minha infância. Por outro lado cada vez mais me convenço que o cinema e a vida, atores e personagens mantêm um longo e inextinguível intercâmbio.

[ 3 ]

Há um cinema *adulto* e outro, mais leve, que ou-saria chamar de *deliberadamente* infantil. Há, também nas artes plásticas, uma gama enorme de processos, que vão do bronze à aquarela (mesma relação). Se decidisse chamar, aqui, Ruy Guerra de infantil, estaria talvez blasfemando, mas é estranha a crescente necessidade de filmes para crianças... Um filme custa muito caro (seria também fácil concluir que as crianças não custam nada — para os casais férteis, ao menos). *Inocência*, de Walter Lima Jr., ou *Innocência*, do Visconde de Taunay, são filme e livro de cabeceira para velhos e moços. Da maneira pela qual o concebeu, garanto que Walter, o cineasta, depois de consultar Lima Barreto e Humberto Mauro, partiu para uma visão romanesca que, curiosamente, alcança o documento. É como se uma criança vasculhasse os domínios do Arquivo Nacional e de lá saísse com uma espécie de revelação sobre a graça transfigurada pela dramaturgia.

[ 4 ]

Nos momentos em que *Inocência* faz sua higiene íntima, a luz matinal, filtrada por Pedro Farkas, revela uma imagem acadêmica, uma pintura brasileira (viscontiana, entre outras), e nos remete mais intimamente ao terreno do grafismo das ilustrações dos livros que nos fascinavam durante toda a nossa saudosa e particular "belle époque". Rugendas devia estar pelas redondezas... mas, além dele, Rugendas, há outros, muitos outros cujas assinaturas ao pé da página (tela, no caso), ameaçam surgir supervalorizadas pelo efeito da *animação*.

[ 5 ]

Acho que o azul é a cor predominante de *Inocência*. Há planos transcendentes quando essa cor esparge, por certas frestas, um amarelo ouro que nos aproxima dos nichos e dos altares iluminados de nossas igrejas coloniais. É que *Inocência* é ave noturna. Melhor seria dizer crepuscular: tem-se, com ela, a impressão aconchegante e boa da chegada da hora do jantar. Uma leve neblina (também azulada) confunde-se com o fumejar de alguma sopa, de algum prato quente. O calor da ca-

sa de Inocência vem do soalho de madeira e do respirar dos seus membros mormente aquele da boca ofegante (afeto epidérmico) de nossa bela sinhazinha.<sup>1</sup>

[ 6 ]

É cortês a forma de aproximação de Cirino e Inocência. Cortês e romântica. Na noite enluarada (ao som de "Luar do Sertão") ele está literalmente enrabichado por ela, fazendo todos os gestos que o ritual da conquista requisita. Seu chapéu faz a parte cerimoniosa que o moço tímido não abandona, não abre mão. Parece um pouco, pelo local, pela clareza expressiva, pelas tomadas da lua entre as nuvens, uma festa particular de São João (sem fogueira ou foguetes). O intimismo (do) brasileiro alcança tonalidades intensas e sentimos emanções do galante Humberto Mauro.

[ 7 ]

Terá algum incógnito cinéfilo tentado, algum dia, analisar os filmes de Walter Hugo Khouri, do ponto de vista de seus personagens masculinos? O ensaio teria algo a ver com o filme de Tereza Trautman — *Os Homens que Eu Tive*. Aqui, no caso de *Inocência* as coisas são um pouco diferentes, tanto na intenção quanto na *intensidade*, do papel masculino. Inocência (Fernanda Torres) é a *personagem* mas ele, Cirino (Edson Celulari), é o seu co-protagonista *suporte*, base. (Isso não acontece com o cineasta paulista: são as mulheres a razão de ser de tudo, e são elas que têm que "suportar" — em todos os sentidos — os seus homens.)

[ 8 ]

Hino à Ciência. O trocadilho que o autor reivindicava, para seu filme, no *press-book*, tem sua procedência assegurada, ou melhor, comprovada pelo desenrolar da trama e chega até a aprimorar-se pelo lado saxônico (garantia de qualidade e seriedade!) que o entomólogo alemão seguramente lhe confere.

Mas, se fala de trocadilho, *Inocência* vai mais longe. Pode, por exemplo, cair para o lado do profundo, casto e insondável intimismo que ele segrega e exala. Mais sofisticadamente (vã pretensão!) pode-se chegar, no terreno do jogo de palavras, a *Inner Sense*, ou seja, aquele sentimento realmente indelével que se deposita, encardido, na raiz das nossas coisas. *Inner Sense*, puro e verdadeiro modo de sentir. Eis outro jeito, não dogmático, não exclusivo, para ajudar a apreciação deste filme.

[ 9 ]

Só tenho lembrança de duas atrizes com essa característica especial: primeiro Catherine Deneuve e, agora, Fernanda Torres. Respirar pela boca não é considerado hábito salutar, apesar de útil e necessário, por exem-

plo, em natação. (Aliás, não posso jurar que essas duas agem assim. A verdade é que, via de regra, surgem nas telas em planos mais do que expressivos, num personálio transe boquiaberto...).

A impressão que decorre daí é que, da boca de Inocência, pode, a qualquer momento, sair voando uma borboleta. Esses insetos decorativos fazem parte, assim como atrizes coadjuvantes, do filme de Walter Lima Jr.

[ 10 ]

Dados adicionais. Aurélio Buarque de Holanda, na página 219 do seu *Novo Dicionário* (Ed. Nova Fronteira), define a borboleta como "lepidóptero diurno". Nesse campo, devo a Dom Marcos Barbosa uma contribuição inestimável. Lá vai:

"Pela aléia das crianças  
vou andando descuidado,  
onde Pedrinho ou João  
dormem sono mais pesado.

Por flores à toa oculto  
— quase que ninguém o nota —  
sujinho, de asa quebrada,  
um anjo de terracota.

Contemplo o anjinho sem asa...  
Mas de súbito — que louca! —  
uma leve borboleta  
sai-lhe voando da boca."<sup>2</sup>

Logo adiante, no mesmo verbete, Aurélio também explica a borboleta no seu sentido figurado: "Pessoa inconstante, volúvel." Não é bem o caso de Inocência.

[ 11 ]

A noite em geral é considerada suave. Inocência parece encarnar a própria suavidade. É inconcebível uma visão de Inocência *vamp* (apesar de ser essa uma idéia que pode até passar pela cabeça de alguns espectadores). Mas quem viu o capítulo do dia 10 de outubro de 1983 da novela *Eu Prometo*, de Janete Clair, certamente se surpreendeu com o surto de versatilidade que essa jovem atriz apresenta diante da quase sempre angelical Renée de Vielmond e de um Francisco Cuoco perplexo.

Essa anotação não caberia normalmente num *compte rendu* sobre o filme de Walter Lima Jr. Mas foi muito forte essa prova histriônica.

Fernanda Torres não é fácil.<sup>3</sup>

[ 12 ]

Comecei este artigo falando sobre o exercício da crítica. Gostaria de arrematá-lo tentando explicar (talvez até para mim mesmo) a origem desta forma fragmentada de comentar um filme. Já não é a primeira vez

que a executo e confesso que me agrada. Deverá agradar também ao leitor, para conservar sua finalidade. Por *agradar*, leia-se aqui *atrair*. Na verdade, a intenção final é a de chamar a atenção de todos para o filme de Walter Lima Jr.

Paira no ar, entretanto, certo perfume anacrônico que descubro ser proveniente do estilo promocional do publicista mais famoso dos filmes da antiga Cinédia: “Pequenina e leve, um pouco de véu esvoaçante e muito de ternura, no verde encantador de seus grandes olhos e no oiro dos seus cabelos — Nita Ney, pernas trançadas, conversava. (...)” (Cinearte, 17.4.1929).

Com manias curiosas e idéias levemente infantis, Barros Vidal era tido em muito boa conta por Pedro Lima e Adhemar Gonzaga. Seu estilo literário representava, evidentemente, como uma legítima transparência, os modismos cinematográficos da época.<sup>4</sup>

[13]

*Inocência* está mais para música de câmera do que para ópera, mas o título que dei ao presente artigo, convenhamos, era irresistível...

Há ainda algo a acrescentar, a partir de informações fornecidas pelo realizador: é indispensável a citação do entomólogo Luiz Otero, que contribuiu com o dado científico que ajuda a “ilustrar” este filme repleto de imagens marcantes. E é preciso não esquecer as cenas do letreiro de apresentação, portadoras de uma especialíssima forma de *suspense* naturalista que, ao se consumarem, trazem a sensação correspondente à pa-

lavra francesa *délivrance* (por muito tempo usada entre nós com o sentido de parto).

Escrever sobre um filme implica naturalmente em palavras e acho que não fui parcimonioso neste sentido. Muitas outras associações verbais ou visuais poderiam ser feitas sobre essa obra fértil do nosso cinema. Mas é indispensável ver *Inocência*. (Impregnar-se dela.) E é com esta proposta que me despeço.

1 A utilização da música de Jayme Ovalle e Manuel Bandeira, “Azulão”, na trilha sonora, terá certamente algo a ver com a textura cromática de *Inocência*.

2 *O Anjinho*, de Rainer Maria Rilke, traduzido do francês por Dom Marcos Barbosa. No filme, em verdade, a borboleta acaba saindo do chapéu de Juca (Chico Diaz), o assistente do alemão Meyer (Rainer Rudolph).

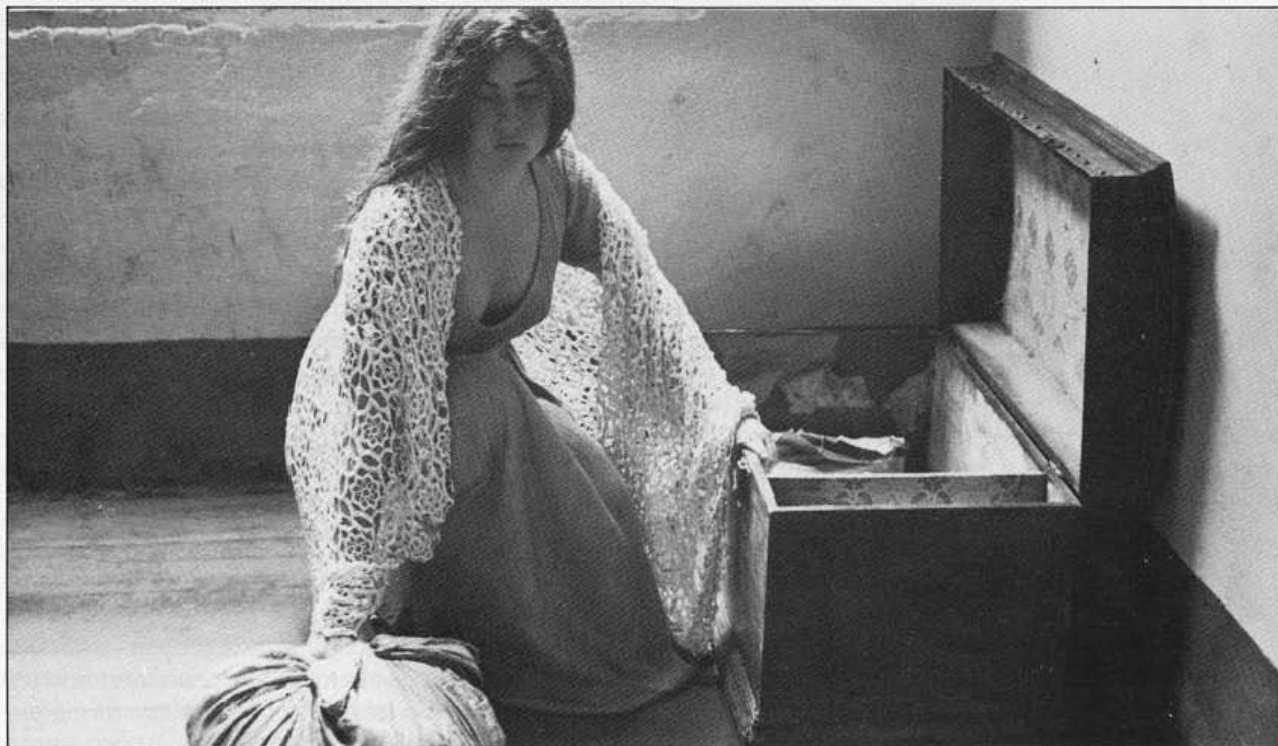
3 A cena em questão chega a ser patética: Daisy (Fernanda Torres), enfurecida por ter sido fotografada bêbada em uma boite por Kelly (Renée de Vielmond), começa por esbofeteá-la. Não satisfeita, atira sua câmera pela janela do apartamento. Tudo termina com a interferência de Lucas (Francisco Cuoco) no momento em que as duas estão engalfinhadas.

4 Melhor do que isso, dentro desse mesmo movimento de indagação ou de explicação vim a me deparar com outro exemplo, desta vez assinado por Mistère, colaborador de Cinearte:

“E, sem querer, eu pensei em Thamar Moema. Depois a noite chegou (...) e trouxe com ella muita musica, um cheiro forte de vicio e muito desejo. E, de repente, eu me lembrei de Gracia Morena. Thamar e Gracia que delicioso contraste!

“A primeira é a donzella incrivelmente ingenua de um romance de Alencar; *encarnação viva da Inocência de Taunay*; a heroína de Walter Scott (...)” (6.11.1929).

DAVID E. NEVES é cineasta e crítico



Ana Lontra Jobim